

Manobra de Requião põe PMDB em campanha

ESTADO DE SÃO PAULO

Sérgio Amaral/AE—22/7/97

Com o prestígio renovado, relator da CPI quer antecipar convenção do partido

**CHRISTIANE SAMARCO
e RICARDO AMARAL**

BRASÍLIA — Embalado pela notoriedade conquistada na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Títulos Públicos, o senador Roberto Requião (PMDB-PR) está empurrando o seu partido para a corrida presidencial. Num trabalho intenso de articulação, ele quer marcar para 21 de setembro a convenção nacional do PMDB, para decidir se o partido terá candidato à sucessão de Fernando Henrique Cardoso. "Vamos decidir logo, dando tempo aos derrotados de mudar de legenda." O prazo final para a filiação partidária de quem deseja disputar as eleições é 3 de outubro.

A proposta incendiou o partido e, sexta-feira, ganhou a adesão de dez presidentes de diretórios regionais. Requião garante ter o apoio do senador José Sarney (PMDB-AM) e do presidente do partido, deputado Paes de Andrade (CE). Este, no entanto, mostra uma cautela surpreendente: "Tenho uma responsabilidade partidária e não posso tomar uma decisão precipitada, para ser acusado depois de ter dividido o PMDB." Paes está consultando os diretórios e tem um encontro com Sarney terça-feira, mas dificilmente resistirá à tentação de criar um novo fato político.

Outra surpresa aparente: os maiores aliados do governo no PMDB apoiam a iniciativa. "Acho ótimo decidirmos logo o assunto", diz o presidente da Câmara, Michel Temer (SP). "Temos o dever ético de nos definir e dar uma resposta ao presidente, que está aguardando por isso." O líder do partido na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), concorda. "Sou a favor de anteciparmos a convenção, porque o PMDB não pode ficar vivendo dramas como ser ou não governo, ter ou não candidato."

Resistência — A terceira surpresa é que o maior adversário do governo no PMDB, o ex-governador Orestes Quêrcia, é quem mais resiste à idéia da convenção antecipada. Quêrcia quer levar o partido para a oposição, com uma candidatura própria, mas não quer dar a seus adversários dentro do partido a oportunidade de sair, entre a



Alerta: "Vamos decidir logo"

convenção e o prazo final de filiações. É um problema paulista, entre o ex-governador, dono da convenção regional, e deputados que romperam com ele, como José Pinotti e Alberto Goldman.

Como se trata do PMDB, além dos contra e dos a favor há a turma do muito antes e pelo contrário, que atende no gabinete do líder do partido no Senado, Jader Barbalho (PA). O líder é um eterno queixoso do governo, embora seja o peemedebista que mais fala com o presidente. Ele acha que o partido precisa se definir, e logo,

mas considera uma irresponsabilidade que os delegados o façam numa convenção. "O correto é discutir o assunto primeiro com os governadores e com os companheiros que têm liderança nos Estados."

O que está em jogo não é apenas a sucessão presidencial, mas também os projetos regionais do PMDB. "So-

mos o único partido com candidatos viáveis em 25 das 27 unidades da Federação", diz Jader Barbalho, reconhecendo a derrota apenas no Rio e na Bahia. O comportamento do presidente em relação a esses candidatos, na maior parte adversários locais do PSDB e do PFL, é a expectativa que vai explodir na convenção. "Neutralidade é só o começo da conversa", avisa o líder. "Temos de ter do governo definições bem claras sobre a campanha e sobre nossa participação futura."

Ninguém pode garantir hoje qual seria o resultado de uma convenção, mas todos juram respeitá-la. "Sugeri essa data para dar oportunidade aos descontentes, mas com qualquer resultado ficarei no partido", diz Requião.



DEZ
DIRETÓRIOS JÁ
ACEITARAM A
PROPOSTA